



27(2):157-168
jul./dez. 2002

A PROFESSORA RIZOMA: TPM e magia na sala de aula

Cláudia Madruga Cunha

RESUMO – *A professora rizoma: TPM e magia na sala de aula.* Da ruptura das certezas, a professora-rizoma nasce. Ela é, enquanto personagem conceitual, cria de si mesmo. Inventada da experiência mestra, mãe, mulher, ela é o feminino potencializado na sala de aula. Pretende discutir qual conhecimento vem brotando do desestruturamento humanístico e histórico pelo qual passa a filosofia em conjunto com as ciências humanas. Disposta a todas as frestas, caminhos, buracos, entre pernas, pontes, portas e fechaduras ela quer falar do ângulo desconfortável da sua diferença, da sua TPM. Influenciada por Deleuze, e no uso de seus conceitos, ela teoriza sua ação como mágica, revelando uma proposta diferente, surgida da inquietação formada em torno do afrouxamento das linhas pedagógicas que se subestabeleceram a partir do descrédito da experiência moderna.

Palavras-chave: *professora-rizoma, ciência “mana”, ciência moderna.*

ABSTRACT – *The rhizome teacher: PMT (pre-menstrual tension) and magic of the classroom.* It is from the act of disrupting all the certainties that the rhizome woman-teacher is born. She is, while a conceptual persona, a creation of her own. Self-invented from the experience of simultaneously being schoolteacher, mother, woman, she is the femininity made effective in the classroom. She wants to discuss what kind of knowledge is coming out from the humanistic and historical deconstruction to which philosophy, together with the human sciences, is being submitted. Receptive to all fissures, routes, cracks, interstices, bridges, and situated amidst legs, doors and locks, she wants to speak from the uneasy perspective of her difference, of her PMT. Influenced by Deleuze and making use of his concepts, she theorizes her action as a kind of magic, revealing thus a different project. This project comes out of the uneasiness which forms itself around the pedagogical lines that established themselves with the widespread disbelief towards the principles of modern experience.

Keywords: *rhizome teacher, “mana” science, modern science.*

TPM e magia na sala de aula

A nós mulheres todo o poder, a nós mulheres nada. Nada fácil de compreender, nada fácil de diagnosticar. Enigmas do mundo. Frágeis e geradoras da vida, portadoras do ser. Esquecidas pela metafísica, somos o sentido de todos os princípios: o da identidade, o da não-contradição, o terceiro excluído, etc. Somos o lado inverso, a vulva, a válvula, o ser invertido. Algo incompleto, inacabado e com garras, com línguas, com um ventre interminável que carrega tudo que suporta, incha e desabrocha, fonte e frente múltipla, algo que se abre em todas as direções e que se fecha para gerar a vida. Ser que escancara pernas e que é meio. Arranca da carne a carne que sangra, chora, tira da dor a vida. Salva a espécie condenando-se a nunca mais ser só. Aceita, corrompendo sua própria indiferença, a presença diferente. Coloca alguém no mundo para ser mais por ele/a o que é em si, para ser mais dele/a o que é por si. Coloca-o/a para eternamente ser espera dos minutos, horas, dias. Coloca para ser por ele/a o sentido dos minutos, hora, tempo. Põe a vida no tempo para dar sentido à costura, à tecedura dos fios, às linhas descontínuas que povoam e tecem a trama. Somos a trama, a linha que traça e desenha as imperfeitas e perfeitas formas, de rarefeitas intenções, que, ao modo de resistência, preenche, e, ao mesmo tempo, transborda nosso ser feminino.

Só é novo, o que está esquecido

Somos a pretensão das parábolas que grilam um amanhã. Localizamos posturas de sobrevivência na desordem e no caos. Resistimos com gritos guardados no peito, com desmaios acordados pela sujeição da esperança. Políticas e amigas da harmonia natural sabemos sujeitar sem esmorecer, sabemos contrapor sem exterminar, sabemos educar sem fazer da ordem o barulho da vida.

Afeitas aos sussurros das sagas, somos sempre a rainha da festa. Somos as que morrem lipoaspirando um ideal. As que enfeitam a morte com choro, velas e flores. Nos atola a perversidade e a perplexidade, mas desafogamo-las em pontos-cruz, pés-de-galinha, maria-chiquita e chapinhas. Esperamos moedas na esquina. Esperamos cheirosas na frente da TV. Cheiramos à cebola, água-ardente, carne quente, amor. Seduzimos até o cachorro do vizinho, o lobisomem, o mal, porque temos o poder fêmea, efêmero, uivante. Somos o lamento do poeta, a sereia, a fada, a bruxa, a *Barbie*, a tia, a vó, a sogra, a cunhada, a Susi. Em todos os elementos somos: do céu, a pureza múltipla do ar que se abre em todas as direções; da terra, a força gerativa que implica a multiplicidade; da água, a profundidade e mistério; do fogo, a chama que arde em dor e paixão. Somos mistura, acaso de elementos e o sentido que os reúne numa relação. Meio do meio, meio das pernas, meio dos lábios, meio dos olhos, meio dos braços. Meio caminho do

meio que só se completa no meio de outros meios, meia parte, que sustenta seu sentido nas partes de outras partes.

Leitoras das cartas, inventamos o destino, imprimimos um tempo traduzido em fases, ciclos, seiva, seita. Dos caminhos traçados em romarias, somos as longas estradas, medeixes, santas loiras, morenas, florestas da perdição, madalenas nem sempre arrependidas. Como encruzilhada de fluxos, festejamos a razão não definida de nossas entranhas múltiplas, essa poderosa precisão com que parimos a vida e onde o poder fere a fera. Somos o controle do caos, o compadecimento que brota até do erro que fecunda. Fera da ferida que não coagula, costura e borda. Dos retalhos da colcha, somos os dias neles esquecidos, pontos contados acordando o sonho. Lembranças repetidas, emprestadas, botões sem casa, ovo sem casca, vassoura sem bruxa.

Criamos os espinhos que nos farão sangrar, a inquietude que nos fará velar. Como a fechadura que espia a própria porta, somos das regras, a que corrompida, vagueia só para rastrear seu valor. Somos esses seres, segredos sem sentido, marias em romarias, desmentidas, desmazeladas, ciganas sem sorte, damas de seus bibelôs, as desocupadas das novelas, as que tramam, matracam, efeminizam macheando a contrapartida do seu próprio ser. Somos as que ensinam, que dobram, costuram o passado, sobrepondo o que tecem do presente, como algo que vem de si que é de si. Dobram, redobram, costuram, alinham tramas, fazem das suas linhas pandorgas, pipas que sobrevoam a própria intenção, presente que oferece o que de si se doa, se dobra.

Parida de suas entranhas, a professora-rizoma é doação de sentido. Ela é, ao mesmo tempo, múltiplo entrecruzamento daquilo que vem implicitado na sua cultura, ruptura de fluxos e de cortes de possíveis. É invenção de sua contingência e não a determinação desta. É cria de sua tensão, recolhida nos fluxos do corpo e nas linhas de fora dele, no mundo da vida. Seu corpo, como parte do que existe, é experiência do mundo. Sua tensão é a exposição dos limites inexploráveis pelo que não lhe pertence. Sua tensão é seu impulso indefinível, inesperado, linha que corre em várias direções; é seu ser sendo, sem se perder naquilo que lhe escorre. Sua ambivalência vem do encontro entre o que escorre e o que recolhe enquanto vida. Sua pulsão escapa às estruturantes que pretendem o controle, é linha fugida do sangue que risca, borda, apreende, poetisa, redesenha a vida. Sua ação é sorte sem destino.

A “TPM” como algo que pertence ao ser mulher da professora-rizoma¹ não é nenhum ponto de partida ou ponto de chegada. Como o azar é algo que brinca, reflexo do espelho que não encontra o seu outro lado, animal e animador, mas impulso orquestrado por um alento criador, que provoca, povoa, não julga nem espécie e nem gênero, apenas reanima e vitaliza o ato de ensinar, potencializa essa ação como vento em moinhos. A tensão feminina é ela mesma a questão que se dobra sobre si e por si mesma não se responde. Há algo seu que escapa a essas suas fronteiras, pois ela não é senão ação do desejo que corre solto e

transborda por si mesma, algo que vem da margem, da borda e essa como diferença lhe pertence, possibilita a repetição da existência por outros espaços de si.

A mosca que pousou na sua sopa

Fluída no feminino e liquêfeita na vida, a professora-rizoma não implanta destinos. A sala de aula é o palco, ela a trama. Todo pensamento que já fora invenção de um eu inventado pelo pensamento, vive tempos de carência de paternidade. Quem gestou a razão dos pensadores do conhecimento parece ter implodido suas estruturas fundantes. Somos todos sós, estamos todos sós, “sem saber exatamente onde vamos parar”. Roubados da experiência espontânea na qual inventávamos as manhãs, agora já pensamos que a tarde é algo a confirmar. A noite se tornou a negação do claro, das horas mais rendáveis, contadas em relógios-pontos, ela não acolhe mais a confiança dos sonhos, senão que desperta sintomas mal amanhecidos. A magia feminina, gestadora, acolhedora, desafiadora e calada na história contada pelos homens, precisa ser acordada de seu pesadelo mais profundo, a diferença com o sexo oposto.

Mulheres não são não-homens, não são anti-homens, não são a outra, as outras, mulheres são de si, sua melhor parte criadora e criatura. Ser mulher é ser algo que o pensamento racional e excludente da identidade não pôde determinar como sendo algo igual a si mesmo. Hoje ela é de si, a contingência que existe, se impõe, na geração da vida. A professora-rizoma entende seu lado mulher como seu lado mágico e imanentemente provindo de suas tensões. Seu saber na sala de aula borda e recorta o tempo, costura sua esperança com olhar dos alunos/as, com aquilo que vê para além desses e nesses encontros. Nesse sentido, sua ação é mágica. Ela se motiva por algo que não se impõe concretamente. Ela se motiva porque brinda o tempo com o sentimento produzido fora do relógio. Cada classe se constela numa expectativa para além do que foi mapeado em um projeto. Não que seja projeto seu, o não projeto de uma aula, mas ela entende que uma aula possa ser oferecida numa espécie de ante-projeto de si. Rompendo a perspectiva histórica pela perspectiva cartográfica, a professora-rizoma quer mostrar que ação de mestra vem dos movimentos da vida. Os movimentos da vida, esses maravilhosos declínios e indefiníveis equilíbrios da sobrevivência, nem todos passam pela escola, nem todos são refletidos nela, ainda que alguns possam ser agenciados por ela.

É com aquilo que se move por perspectivas não lineares que a professora-rizoma deve se ocupar, com a mágica da vida representada na espontaneidade que brota nas relações que cria com seus alunos/as. Nada que possa ser compreendido pela ciência em suas fórmulas, teoremas e tratados. Nada que se comprometa com o que as artimanhas do mercado ou com o que as demandas do capital chamam de estratégia, sucesso ou qualidade, pois o qualitativo na pedagogia rizomática está diretamente desqualificado pelo econômico.

Ser, não-ser não é uma questão de sujeito ou de número. Nascemos nesses tempos neocapitalistas como um crédito para as/os otimistas, como um débito para as/os pessimistas. Estaremos numericamente ensinando o que somos enquanto admitirmos que só o pensamento racionalmente estruturado nos permite ser. Para entender o sentido do ser professora-rizoma é preciso, em primeiro lugar, liberar a tensão “TPM” na sala porque tem a ver com o lado banido, bandido, esquecido, estriado significado que se produz e se conecta com o feminino. Em segundo, interessa discutir como essa relação pode convocar o lado mágico anti-linear e liso que, para além das estruturas fundantes, atribuem à ação de ensinar algo que vai em todas as direções, ultrapassando os métodos convencionados como modelos nessa ação.

A magia das chaves... a professora-rizoma filosofa

Diante das portas, não ser a fechadura, mas a chave. A chave abre o que está fechado, ela é a peça do seu segredo, sua própria estratégia e limite. Diante de todas as portas, ela é ora solução, ora falta, ora o acesso, ora o inacessível. Ela não se encaixa em tudo, mas abre quando encaixa, conecta e possibilita um novo espaço. Ensinar como construir chaves, corpos sem órgãos, cartografias, mapas, jogos do eu, do múltiplo. Na sala de aula, algo que encaixe, tenha sentido e abertura para outros possíveis.

A professora-rizoma quer discutir qual conhecimento vem brotando do desestruturamento humanístico e histórico pelo qual passa a filosofia em conjunto com as ciências humanas. Ela se preocupa em entender como esse conhecimento vem se projetando nas fronteiras ameaçadas pela máquina do capitalismo. Dispostas a todas as frestas, caminhos, buracos, entre pernas, pontes, portas e fechaduras a professora-rizoma quer falar do ângulo desconfortável das rupturas. Ela pretende analisar o teor das diferentes propostas que vão surgindo da inquietação formada em torno do afrouxamento das linhas pedagógicas que se substabeleceram a partir do descrédito da experiência moderna que, ainda hoje, estão presentes na escola. Lugar onde nada mais pedagogicamente se sustenta como um modelo e, ainda assim, como um ritornelo, procede ainda a formação social do indivíduo.

São múltiplas as análises que falam da figura do professor/a, algumas até mesmo apontam para o seu desaparecimento, nesses tempos pós-modernos. A relação professor/a e aluno/a está desterritorializada; ela já não comporta mais, apenas o encontro, enquanto algo que faz laço, “re-laço”, também, importa os desencontros do que está sendo produzido fora da sala de aula. A classe, enquanto espaço do conhecimento também está se movendo através das rachaduras. Esse movimento que não comporta um tempo linear, circular ou estrutural de reconhecimento, está lá, e sua presença não se confirma senão que se apresenta na inquietação gerada pelas incertezas.

A professora-rizoma é articuladora e mais que isso é mestra, mãe, tia, irmã, madrinha. Ela amedronta, embriaga, acolhe e empurra, move através daquilo que é movida. Ela se dobra sobre sua consistência e não enxerga senão a experiência da vida. Nenhum futuro a confirmar, nenhum destino prescrito em boletins escolares. . . O tempo será ou não de chuva? Fará ou não um belo dia de sol? Estará nublado amanhã? Nossas pegadas na areia só existem antes da cheia das marés e essa nossa intervenção mínima é o máximo da nossa certeza. Deixemos tudo como está, é assim que sobrevivemos. Nas pausas e nos esquecimentos. Marcas ainda perdidas, numa história que só conta o que sabe sobre um tempo, um determinado tempo. Qual será o clima amanhã? Que tempo se reserva para o que se apresenta como o presente? O somos do que não estamos vendo? A professora-rizoma sabe pouco, quase de nada, sobre ensinar. Tudo que lhe disseram jamais foi apreendido sem a experiência do próprio ensino. Estar na sala de aula é mais que um constante aprender a ensinar, é um aprender a aprender, algo que só é válido na relação que se faz da experiência, que só é compreendido se desterritorializado dela. Como a filosofia se conjuga com o ensinar? Ensinar a filosofia e/ou ensinar a filosofar? Eis a tarefa múltipla da professora-rizoma .

O pêndulo ou os pêndulos

Aquele que vive de combater um inimigo tem interesse em que ele continue vivo (Nietzsche, 2000, p. 274).

No espaço em se concretiza a experiência de ensinar, a sala de aula, há outros presentes que o sobrevoam. Quando em aula, a professora-rizoma cartografa, aponta com o dedo para o infinito, desenha o presente oferecendo o passado (tiras, linhas, recortes) como um contínuo atual. Faz do passado a borda do presente, o sentido que afeta o acontecimento ou que o traduz.

Posta ou proposta, à frente de noventa olhos, quarenta e cinco bocas, a professora rizoma, não ignora a inércia dos corpos, uma vez que os pressupõe educados, mas lhe perpassa o projeto que ela mesma ensina “para-lisando”, “aco-moldando”²² tudo. Vários, muitos, todos e nenhum, formam o sentido onde ela repousa um olhar que não vê mas interpreta:

Uma esfera móvel na extremidade de um longo fio fixado à abóbada do coro de Saint-Martin des Champs. Experimentado em uma cave em 1851, depois no Observatoire, em seguida, foi removido para a cúpula do Panthéon, com um fio de sententa e sete metros uma esfera de vinte e oito quilos. Desde de 1855, está em formato reduzido e pende, de um furo, na travessa da abóbada. Um ponto geométrico cujo centro não tem dimensão. Não gira em torno de si mesmo porque não tem nem o si, o centro. A terra gira, mas o ponto não. Matéria vazia, ruptura da certeza o vazio do infinito arrepia como uma emanção perversa (Eco, 1989, p. 11-12).

Centro sem dimensão, matéria vazia, filhos e filhas da incerteza, vários uns, Oms, uns, umas, emanações do infinito, finitamente acomodados na perfeição do quadrado da sala. Como notas musicais, dispostos em linhas, seus corpos pendem. A transcendência das horas são o esquecimento delas, quando da mestria da mestra se faz valer o esforço, seu dom de ensinar, mágica magia por onde escoo a sinfonia que evoca a todos como parte do infinito. Plano liso, sem tensão. A professora-rizoma, cartografa sua “in-tenção”³ num programa, coagula tensões, estriamentos possíveis de uma ordem a confirmar. Ela ensina aprendendo, filosofa escutando os corpos, os rostos, as linhas que no seu entrecruzamento criam as chaves, produzem aquelas que abrirão o sentido dos acontecimentos.

Quantas histórias atravessam essa “in-tensão”? O que fica retido pelo “in” cria a trama, organiza as contas em um colar, tece as linhas em partes, estriadas, zonas de tensão e lisas, espriadas de significação. Este lado mestre orquestrado na cartografia, programa do semestre, é alimento do que se alimenta a professora-rizoma. O ensino de ciências vem cada vez mais tornando humana a ciência, mas num duplo sentido discutível, pois, nas ciências exatas tem retido a regra e dispensado o artífice; e, nas outras ciências, tem valorizado o contexto das relações e não o artifício que as cria, que as torna humanas. Andamos a esconder, nas entrelinhas do presente, o passado, como a parte da experiência que lhe dá significado. Andamos ensinando o pensado e não o pensar. Subsumidos os espaços de tensão estriados, que cooperaram para estabelecer uma ciência dimensionada para a especificidade, para a decalcomania. Ensinamos por repetição. Refletido no pêndulo, o infinito possível de cada um, acaba confirmado por um instrumento que limita o seu ser a seu uso, transforma o criador em criatura. Ao tentar organizar a trama, acaba-se repetindo o que já foi feito para evitar o erro.

É preciso dar sentido ao esquecimento para que ele não se revista de um vazio infértil. A professora-rizoma quer criar o espaço gerador de tensão, a possibilidade da dobra que “plica” e “ex plica”⁴. Uma dobra de dois, entre dois, como a diferença mesma que se diferencia, como a própria ciência que, ao ser interpretada em sua história, vai produzindo uma outra ciência que não é mais aquela primeira. O que não assegura que ainda assim se esteja impondo um “pré-formismo”⁵ do que se pretende por científico.

A ciência que emana, a *Ciência mana*⁶

Alguém já disse que não existe aprendizado sem sofrimento. Esta talvez seja a frase que simboliza a trama da nossa ocidentalidade pelo seu oposto. Andamos a evitar a experiência para não correr o risco do sofrimento, andamos a repetir as trilhas traçadas para que não nos ocorra o desafio de viver sem um caminho determinado. Andamos por demais evitando a chuva, nos protegendo,

com super-protetores do sol, castrados de criar suas marcas, impossibilitados de traçar riscos, rabiscos que exponham de forma espontânea o que nos torna parte da vida. Andamos por demais esquecidos do que é a vida. A vida não é uma invenção de laboratório. Ela passa na luxúria do *shopping-center*, mas não se fixa nele, ela anda com fome nos super-mercados mas não é rastro que se guarda nele, ela mais adoce nas calçadas do que chega nas farmácias. A vida é acontecimento, vibração, intensão, onde o espaço e o tempo não são limites mas coordenadas abstratas de todas as séries que vem tanto da objetivação de uma apreensão como da subjetivação de uma outra. Tramas, tranças, danças, balada entoada na canção do sertanejo, repetição do repentista, oração na mão do mudo, poesia na boca do cego, inquietação.

Em 1895, o Sr. Brunetière falou com tranquilidade sobre "A Falência; da ciência". A energia nessa época era entendida como uma entidade independente da matéria e sem o menor mistério. As novas teorias do átomo eram fantasias filosóficas que tentavam conservar uma imagem científica do mundo. Algo muito distante dos grãos de energia de Planck e Einstein. Para Clausius nenhuma energia além do fogo era concebida. E a energia se se conservava em quantidade, degradava-se em qualidade. O Universo tinha sido construído um belo dia como um relógio. De destino previsível sugeria uma vida que, surgida por acaso, evoluiria simplesmente por regras de seleção natural. No ponto máximo desta evolução, o homem era compreendido como um conjunto mecânico e químico dotado de uma ilusão, a consciência. Foi sob o feito desta que ele inventou o espaço e o tempo. . . imagens do espírito (Pauwels e Bergier, 1980, p. 28).

Faz bem pouco tempo que tentamos arredar os limites que nos hospedam. Vivemos tempos de redefinição. Filhos e filhas da crise redefinimos o que vem dela. A professora rizoma quer ensinar filosofia. Filosofia tem a ver com consciência, com a ciência que eticamente pretendemos. Ela é algo de pele, cheiro e suor que falta em torno dos conceitos que a ciência trabalha. A própria filosofia carece de ser experiência, falta arrepio, falta acontecimento naquilo que ela versa, no processo que a torna um conhecimento de si. Inventados num espaço e num tempo, somos o que adquirimos numa velocidade padrão como combustível e reserva, para nos mover em torno daquilo que pretendemos que seja nosso projeto sem questionar a autenticidade dele. Imagens de uma outra imagem que vão se sobrepondo no tempo, criando nele uma linearidade, que mesmo quando estriada, força, impõe um sentido. Busca espaços lisos para o pensamento, cria obscuridade na memória, cria obsessão por aquele ideal, vizinho e alheio, ao mesmo tempo, poderoso e fugaz

A professora-rizoma quer destituir a poderosa ciência construída de novidades iluministas, de seu humanismo fascista, que oprimiu, forçou, moldou pela imposição de suas verdades outra forma de conhecimento. No ápice de um altar hierárquico e excludente promoveu uma compreensão de conhecimento fracionário, moralmente individualista e autoritariamente copista, calcômaco. Cópia,

recorta e cola em cima do que já está pronto. Arremeda e não remexe. Coagula e não desliza, não cria nada de novo. Ela quer mexer com a vulnerabilidade de um modo de pensar que não consegue deixar de ser caça de um caçador que ele mesmo arquiteta e institui.

Europa, século XIX, enquanto intelectuais parisienses, supostamente de vanguarda, se perguntam se Marx deve ser ultrapassado, ou se o existencialismo é ou não um humanismo revolucionário, o Instituto de Stehinfeld estuda a implantação da humanidade na lua. Eugênio Varga aguarda o desmoronamento dos Estados Unidos anunciado pelo profeta e os biólogos americanos preparam a síntese da vida a partir do inanimado. Lênin define, o comunismo é o socialismo mais a eletricidade. A Rússia aguarda o pensador que venha a automação, mais a síntese dos carburantes e dos alimentos a partir do ar e da água, mais a física dos corpos, mais a conquista de estrelas etc. A fé na virtude do progresso maneja a alavanca das ciências e das técnicas mudando os rumos da sociologia elaborada no século XI (Pauwels e Bergier, 1980, p. 41-42).

A pergunta é se mudamos, se ainda frequentamos os mesmos lugares outrora instituídos? Se ainda calculamos com os mesmos instrumentos que nos tornam qualificáveis enquanto quantificáveis? Se ainda avaliamos com a mesma lógica do desperdício que nos desperdiça?

A sopa cósmica: a sala de aula como espaço da trama

Fazer da sala de aula um grupo nômade, espaço de escoamento de múltiplas possibilidades. Lugar da filosofia, da inquietude e do questionamento. Lugar onde a presença do infinito explode nas finitudes que o interpretam. Lugar de emanção, dos interstícios resplandecentes das consciências em sua interface, da inconveniência que propõe o que ainda não foi descoberto. Lugar da metáfora, síntese e sintaxe. Lugar da palavra que revela, ao mesmo tempo, que esconde aquilo do qual ou sobre o qual quer se apropriar.

Confiamos num processo que se dá por descobertas. Nos cercamos da imposição da evolução. Compramos rotas para o futuro, cápsulas extenuam nosso amanhã, a par de sermos tão gentilmente os mesmos.

Em 1924 Alexander Oparin, bioquímico russo, teorizou que os primeiros oceanos da terra eram sopa quente diluída de moléculas simples. Ele sugeria que o bombardeio constante dessa sopa primordial pelos relâmpagos havia deflagrado conexões entre moléculas inorgânicas simples, as “costurando” em moléculas orgânicas maiores, não produzidas biologicamente. Nos anos 50, Stanley Miller e Harold Urey reproduzem e testam o modelo de Oparin. Uma semana depois eles descobrem vários aminoácidos simples. Trinta anos mais tarde esta descoberta fundamental aperfeiçoada produzirá substâncias orgânicas mais sofisticadas, serão os precursores do DNA (Brockman, 1988, p. 236).

Nós sob o sol, um espaço simples a confirmar. Esquecido! A entrega dos pressupostos, sua superação rápida e nada convincente sem alarde. Trocou o sistema, mudou a rota que nos permitiria a virtude de nos elevarmos a seres supremos. Somos sós, estamos sós na sopa, na coalha, coadura, na imposição na impostura. Precisamos ensinar, espaço que se abre em várias direções. Queremos a regra sem querer regrar. Embate entre possibilidades e escoamento, trilha entre o razoável e o que se espera no conto que conta com a fada madrinha, com a magia que vem dela.

Mexer a sopa, acordar a Alice, criar o País das Maravilhas, o espaço da interpretação e das múltiplas possibilidades. Tornar o impossível, nossa parte perdida no infinito, possível realidade da experiência que quer criar uma manhã. Possuir a tensão mana, um tesão mana, uma intenção mana pelo que se faz. Que faz sentido no como se realiza de outro modo aquilo que já é seu. Somos o sentido do nosso conhecimento, a captura da presa que cria em cada um a expectativa do caçador/a, daquele/a que sai no desafio de matar ou morrer em pêlo, em pele, em cheiro, em cracas, movimento que não explica é ser.

A ciência mana parte do vazio e das sombras para acordar o adormecimento causado pelas certezas. Ela mana, baiana, ela é do samba o estopim, do carnaval o arlequim, ela é manhosa, ela é sestrosa, manobra o que está afim. Ela é de direito ela é do seu jeito algo que flui sem ter fim. Ela é a ciência método do seu jeito, do mundo terceiro, a escada que gira, que inventa sua própria escala e direção. Fomentada no abandono ela é a saída para outra direção. A ciência mana trabalha com relato, com retrato, com a configuração da pele, do pêlo, do carço. Trabalho com o âmago, com o enroscado, trabalha com a emoção, com os indesejáveis, com os “nosotros”. Ela é o que flui da TPM da professora- rizoma, tesão, artifício, indefinição, maldição bem vinda dos esquecimentos. Ela é talento da dobra. Por mais que lhe sobrevenha na prática o mundo empresarial do trabalho, a professora rizoma sonha em acordar a trama, em realizar a trama, em ensinar partindo das relações banidas que territorializam, potencializam e possuem a sala de aula num outro sentido tornando-a um espaço da vida.

Em 1963, o fisiologista, nascido na Austrália, Sir John Eccles, ganhou o Prêmio Nobel por sua pesquisa pioneira sobre as sinapses do cérebro (. . .). Agora, à idade de 79 anos, Eccles ainda defende com rigor a antiga crença religiosa de que somos mais do que apenas matéria, que existe de fato, um “espírito em cada uma de nossas máquinas”. (. . .) Talvez o mais eminente filósofo de nossa era, Sir Karl Popper, concorda com Eccles em quase todos os aspectos, exceto quanto à ideia de imortalidade da alma (Brockman, 1988, p. 252).

São tantas as demandas que nos fazem carecer de ser de si mesmos/as uma outra experiência, uma nova invenção ou outra atitude. A dureza e a rigidez da ciência moderna nos fizeram descrever do nosso lado melhor, o mágico, o criativo, o inventivo, o crente, o crédulo, pausamos na segurança e na promessa dos

métodos. Ensinamos apregoando modelos, pregando verdades. O que inquieta a professora-rizoma é a abertura de novos espaços híbridos gerativos de tensões que possam articular sonhos com as tramas bandidas que traçam no tempo a vida. Quer que sua ação seja construtora de linhas de intenção que signifiquem para além dela. Sem ser alheia ou contrária contribuição dos estímulos que provém de uma sociedade altamente consumista, tecnologicamente pragmática e copista, a professora-rizoma quer falar da alma e da lama, da linha e da trama, por isso sua ciência é mana, seu conhecimento é arte que se faz da vida. Gerada da adversidade das tensões que enfrenta, ela crê na coragem que tudo transforma, crê na superação de uma educação que limita corpos, crê no espírito que está no centro de tudo onde não há nada. Crê na trama *mana*!

Notas

1. Para Deleuze e Guattari, “rizoma é algo que conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um dos seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo um regime de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao uno nem ao múltiplo (. . .). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveidças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda” (Deleuze e Guattari, 1995a, p. 32).
2. Uso os prefixos separados para dar mais ênfase a minha fala. Uso o “aco-moldando”, para dar o sentido de moldar mesmo.
3. Repito a mesma intenção.
4. É novamente intencional a separação do prefixo.
5. A intenção permanece.
6. A ciência *mana* propõe que o conhecimento seja entendido pelo próprio mistério ou pelo indizível que o perpassa. Ser professora, a relação mestre aluno, ensinar ciência, filosofia . . . tudo que tem sentido, mas não possui necessariamente uma explicação fica perpassado pelo mana, é o mana. “No mundo antigo, o mana era uma realidade de vida evidente por si mesma, e um deus provava seu valor se pudesse transmitir efetivamente isso. A energia de um deus assegurava a circulação do mana” (Armstrong, 2001, p. 28-30).

Referências Bibliográficas

- ALLIEZ, Eric. *A assinatura do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- _____. *Deleuze*. Filosofia virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. Quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BROCKMAN, John. *Einstein, Gertrude Stein, Wittgenstein e Frankenstein*: reinventando o universo. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- CRESPI, Franco. *A experiência religiosa na Pós-modernidade*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998.
- _____. *Empirismo e subjetividade*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.
- _____. *Espinosa e a Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. *Espinosa e os signos*. Porto: Rés, s/d.
- DELEUZE, Gilles e Guattari, Felix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996a.
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- ECO, Humberto. *O pêndulo de Foucault*. Rio Janeiro. Record, 1989.
- HARDT, Michael. *Gilles Deleuze – um aprendizado em filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- NIEZSTSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que se é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PAUWELS, Louis e BERGIER, Jacques. *O despertar dos mágicos: introdução ao realismo fantástico*. 16ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva/ FAPESP, 1998.

Cláudia Madruga Cunha é professora das disciplinas de Filosofia e Metodologia Científica no Centro Universitário FEEVALE/NH. É mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e, atualmente, é aluna do Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Endereço para correspondência:

Rua Irani n. ° 40 casa 01
90810-140 – Porto Alegre – RS
E-mail: claumcun@uol.com.br